



# XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA  
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-GONÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A  
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

## CIÊNCIA AGROECOLÓGICA, SEMENTES CRIOULAS E FAMÍLIAS AGRICULTORAS: CAMINHO POSSÍVEL PARA SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL.

*André Emílio Jantara*

*Dra. Profa. Silvana de Cássia Hoeller*

### INTRODUÇÃO

Desde o início da Revolução Verde<sup>1</sup>, existe uma preocupação enorme das famílias agricultoras, dos movimentos sociais e organizações não governamentais, de como enfrentar os fatores causados pela erosão genética<sup>2</sup>, definida como a perda da variabilidade das sementes crioulas, em muitos casos, traz o desaparecimento daquela semente, uma variedade extinta no ambiente.

Além da perda, promove a dependência da compra de sementes comerciais melhoradas, ocasionando a perda da identidade e da cultura familiar. Isso resulta no processo de insegurança alimentar das comunidades, ocasionando na alimentação a entrada de uma enorme diversidade de alimentos industrializados e diminuindo a diversidade alimentar tanto das famílias produtoras quanto consumidoras.

---

<sup>1</sup> Revolução Verde: O termo foi utilizado pela primeira vez por William Gaud, chefe da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (Usaid), em 1968. Na ocasião, Gaud se referiu ao processo de desenvolvimento de novas variedades de trigo e milho, conduzido por Norman Borlaug (1914-2009), como “a Revolução Verde, feita à base de tecnologia e não do sofrimento do povo”. Este pensamento reflete uma das bases filosóficas e teóricas defendidas por seus idealizadores e, por que não dizer seus financiadores, que, entre outros argumentos, justificavam a disseminação massiva de novas técnicas e tecnologias na agricultura como forma de superação da fome no mundo, uma tentativa de disfarçar os reais interesses. (DIAS et al.2021, p. 651).

2

A erosão genética (redução da variabilidade genética) está ligada a diminuição da produção agrícola e ao aumento da suscetibilidade das plantas a pragas e doenças. E a diminuição da diversidade genética de plantas torna o abastecimento alimentar vulnerável e insustentável para suprir a falta de alimento no mundo (BARBOSA, 2015, et al, p. 3).



# XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA  
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-FONÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A  
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

Com essa dificuldade enfrentada pelas famílias agricultoras, somada a falta de políticas públicas e de fomento para a produção de sementes crioulas de cereais e hortaliças, vem drasticamente, aumentando a erosão genética nos últimos anos.

Vale recordar que com a chegada das sementes melhoradas nos anos 1970, associada ao novo modelo comercial de produção, inicia-se o incentivo ao plantio das sementes melhoradas e ignora as sementes crioulas, que eram chamadas de sementes de paiol e de baixa produção. As famílias começaram a deixar as suas tradições de plantios consorciados como, por exemplo, milho e feijão, passaram a utilizar agroquímicos, tornam-se reféns dos pacotes tecnológicos e dos financiamentos das safras, oferecidos pelos bancos da época.

Com adoção da nova tecnologia, as famílias deixam de manejar suas áreas adequadamente, como, por exemplo, as áreas de descanso, chamadas de roças de toco<sup>3</sup>, passando a depender de novas estruturas, como maquinários para preparar suas áreas em escala maior de plantio, deixando de lado uma cultura herdada de gerações. Essa realidade descrita também foi enfrentada pela região de Palmeira, que é foco do estudo, faço também a inclusão na pesquisa dos municípios de Teixeira Soares e Fernandes Pinheiro, que também sofreram com o mesmo processo instalado pela Revolução Verde.

Com a Revolução Verde as políticas existentes eram através dos financiamentos de bancos que aumentavam gradativamente, mas com difícil acesso às famílias agricultoras com áreas pequenas, em média de 15 hectares, e nenhum incentivo a produção de sementes crioulas. A falta de políticas públicas para incentivar e apoiar a produção de alimentos saudáveis, que reconhecesse as famílias que mantinham a diversidade de produção familiar através das suas próprias sementes, isso resulta na deterioração do saber e conhecimento popular, cultural e da identidade familiar. Torna-se inevitável que muitas famílias abandonem a agricultura, ou mesmo, comecem a aderir ao pacote tecnológico.

---

<sup>3</sup> O sistema de cultivo utilizado por pequenos agricultores, chamado de pousio, roça-de-toco ou coivara, constitui uma tradição milenar da maioria das populações indígenas, sendo assimilada pelas populações remanescentes de processos de colonização (ADAMS, 2000; OLIVEIRA, 2002). Esse modelo é descrito por diversos autores e ocorre de modo semelhante em diferentes partes do mundo, sendo particularmente comum na zona das florestas tropicais e subtropicais. Exemplos de estudos de caso sobre os sistemas utilizados e suas implicações podem ser encontrados em Ull (1987), Saldarriaga et al. (1998), Adams (2000), Coomer et al. (2000), Peroni & Martins (2000), Martins (2001) e Oliveira (2002). O sistema é baseado na derrubada e queima da vegetação, seguindo-se um período de cultivo e, após o declínio da fertilidade do solo, um período de pousio para restauração da fertilidade (SIMINSKI e FANTINI, apud, 2007, s/p.).



# XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA  
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-FONÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A  
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

Esta pesquisa teve como objetivo compreender a importância das sementes crioulas para o meio ambiente, destacando seu papel na conservação da agrobiodiversidade por meio dos saberes das famílias agricultoras. A pesquisa busca relacionar essas práticas com a valorização das comunidades rurais, a educação ambiental, o acesso a políticas públicas e o protagonismo das mulheres na preservação dos conhecimentos tradicionais.

O estudo busca responder às seguintes questões: como as famílias agricultoras conservam e multiplicam sementes crioulas? Quais políticas públicas apoiam essas práticas? E qual é o papel das mulheres na preservação dos saberes e da biodiversidade agrícola?

Trata-se de uma pesquisa participante, conforme proposta por Carlos Rodrigues Brandão (1981), construída junto às famílias agricultoras, buscando vivenciar e compartilhar com elas o cotidiano do cuidado com as sementes crioulas. O foco recai sobre a importância dessas sementes na manutenção da diversidade genética, na reprodução dos modos de vida locais e na garantia da autonomia alimentar das famílias, que seguem multiplicando e conservando essas sementes por gerações e na preservação do meio ambiente.

A metodologia inclui visitas técnicas às propriedades, entrevistas semiestruturadas, elaboração de mapas participativos, levantamento da diversidade de sementes crioulas e construção de linhas do tempo familiares. Todo o processo foi conduzido em diálogo com as famílias, promovendo a escuta ativa, o reconhecimento dos saberes locais e a devolutiva dos resultados como forma de valorização e respeito mútuo.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa participante, conforme proposta por Carlos Rodrigues Brandão (1981), construída junto às famílias agricultoras, buscando vivenciar e compartilhar com elas o cotidiano do cuidado com as sementes crioulas. O foco recai sobre a importância dessas sementes na manutenção da diversidade genética, na reprodução dos modos de vida locais e na garantia da autonomia alimentar das famílias, que seguem multiplicando e conservando essas sementes por gerações e na preservação do meio ambiente.

Essa escolha se justifica pela necessidade de construir o conhecimento de forma coletiva, respeitando os sujeitos envolvidos como protagonistas de suas histórias e saberes. Brandão compreende a pesquisa participante como um processo de inserção e escuta ativa, no qual o



# XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA  
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-FONÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A  
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

pesquisador se aproxima da comunidade com paciência, honestidade e abertura para aprender com ela. Como ele afirma:

A inserção é o processo pelo qual o pesquisador procura atenuar a distância que o separa do grupo social com quem pretende trabalhar. Esta aproximação [...] é a condição inicial necessária para que o percurso de pesquisa possa, de fato, ser realizado de dentro do grupo, com a participação de seus membros enquanto protagonistas e não simples objetos. (Brandão, 1981, p. 27).

Nessa perspectiva reforça a importância da escuta ativa e da participação horizontal dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Ao longo do trabalho, busco, portanto, construir vínculos de confiança e corresponsabilidade, reconhecendo as famílias agricultoras como detentoras de saberes fundamentais para a compreensão do tema.

A pesquisa parte da concepção de que o conhecimento não é imposto de fora, mas construído de maneira compartilhada. A pesquisa participante, conforme defendida por Brandão (1981), propõe que o pesquisador se envolva de forma horizontal com os sujeitos da pesquisa, reconhecendo-os como parceiros na produção do saber. Trata-se de uma aprendizagem mútua, em que não se busca apenas compreender as pessoas, mas dialogar com elas, ouvindo seus relatos, saberes e percepções, valorizando sua condição de protagonistas no processo investigativo, uma forma harmoniosa e de aprofundamento ao conhecimento. Para isso, o pesquisador precisa desenvolver um olhar atento e escutador, capaz de perceber nas falas, gestos e silêncios aquilo que realmente preocupa os sujeitos da pesquisa.

Essa consciência sobre a forma como o pesquisador se apresenta e se insere nas relações sociais da comunidade é indispensável para a construção de uma pesquisa realmente participativa e ética, que reconhece os sujeitos como detentores de saber e dignidade, e não como objetos de estudo.

Ao estabelecer uma convivência direta, o pesquisador que já conquistou a confiança dessas pessoas passa a compreender de forma mais profunda o cotidiano familiar e a vida social inserida na comunidade. Como essência desta pesquisa, destaca-se a reflexão trazida por Brandão: “Nenhum conhecimento é neutro e nenhuma pesquisa serve teoricamente a todos, dentro de mundos sociais concretamente desiguais que vivemos.” (1981, p. 11).

Brandão (1981) reforça o papel do pesquisador nessa perspectiva, ele reforça que:

A tarefa do pesquisador/educador não é a de ‘fazer a cabeça’ do povo, trazendo do exterior a consciência ‘lúcida e crítica’, o esquema de análise ‘realmente científico’ ou a linha ‘justa e correta’ do ponto de vista tático e estratégico. A pesquisa como itinerário político,



didático, não deve ser a oportunidade para o pesquisador fazer o seu discurso, impor as suas ideias, conduzir o grupo à posição que ele estima correta. (1981, p. 33).

As etapas da pesquisa foram inicialmente a fase exploratória, com o levantamento das temáticas, publicações acadêmicas, teses e autores sobre o tema estudado. A partir da fase exploratória, delimito o problema, justificativa, objetivo geral e objetivos específicos (Thiollent, 1988). Ao analisar a bibliografia do marco teórico, destaco nesta pesquisa alguns autores que conduziram este processo como: Money (1987), Carson (2010), Altieri (1998), Britto (2020), Cinelli e Conte (2013), entre outros. A pesquisa a campo foi conduzida com cinco famílias agricultoras guardiãs de sementes crioulas, por meio de uma abordagem qualitativa de caráter participante. A metodologia inclui visitas técnicas às propriedades, entrevistas semiestruturadas, elaboração de mapas participativos, levantamento da diversidade de sementes crioulas e construção de linhas do tempo familiares.

## RESULTADOS e DISCUSSÕES

A pesquisa com as famílias mostrou que as sementes crioulas produzidas pelas agricultoras (es) promovem autonomia, permitindo que cultivem e preservem suas próprias sementes, sem depender de variedades comerciais melhoradas. Além disso, as famílias destacam o valor cultural e histórico das sementes crioulas, que são adaptadas ao modelo de agricultura familiar, baseando-se em saberes tradicionais e dispensando o uso de agroquímicos. Como ressalta a agricultora 3: “Precisamos sempre observar o clima, ter um bom armazenamento das sementes, mas as mudanças climáticas estão aí, nosso tempo não é mais o mesmo”. Essa percepção é corroborada por Mooney (1987), ao afirmar que “as plantas, às vezes, dão-se melhor em um local adaptado do que seu habitat original”, especialmente quando cultivadas em épocas adequadas, sob um clima regulado e sem intempéries fora de época.

As famílias pesquisadas destacaram que boa parte das sementes crioulas que conservam e multiplicam foram obtidas por meio de feiras de sementes realizadas no Estado. Esses espaços de troca são fundamentais não apenas para o acesso a novas variedades, mas também para o fortalecimento de vínculos entre agricultores e a valorização dos saberes tradicionais. Além das trocas, as feiras permitem a comercialização dos excedentes de sementes, gerando renda e incentivando outras famílias a iniciar o uso de sementes crioulas em seus plantios.



Essas sementes também são herdadas entre gerações e circulam por meio de trocas comunitárias, reforçando a identidade cultural e a autonomia das famílias agricultoras. Segundo a Rede Sementes da Agroecologia (ReSA, 2020), “para a manutenção da biodiversidade é necessário cuidar de todas as formas de multiplicação das variedades e raças crioulas”. As feiras, nesse contexto, atuam como espaços estratégicos de resistência frente à homogeneização imposta pelo sistema agrícola dominante, promovendo a circulação de sementes, saberes e práticas agroecológicas.

As famílias entrevistadas expressaram uma preocupação recorrente: a contaminação de suas propriedades pelo uso de agrotóxicos em áreas vizinhas. Essa realidade tem gerado impactos diretos na produção de sementes crioulas, comprometendo a biodiversidade cultivada e o modo de vida que essas famílias lutam para preservar.

Segundo os relatos, a falta de fiscalização efetiva sobre o uso de agrotóxicos por parte do Estado, permite que propriedades vizinhas utilizem venenos sem controle, afetando o solo, a água e o ar das áreas agroecológicas. De acordo com Carson (2010) “O mais alarmante de todos os ataques do ser humano ao meio ambiente é a contaminação do ar, do solo, dos rios e dos mares com materiais perigosos e até mesmo letais.”

Mesmo sem fazer uso de substâncias químicas, essas famílias acabam sendo vítimas de um modelo de produção que ignora os limites ecológicos e sociais. A agricultora 2 disse: “eu não uso veneno e sou eu que tenho que fazer barreira pro veneno do vizinho não entrar na minha propriedade, tá tudo errado isso”.

Em diálogo com Carson, é possível compreender a gravidade dessa situação. A autora, (2010), alerta que “as gerações futuras provavelmente não perdoarão nossa falta de preocupação prudente com a integridade do mundo natural que sustenta toda a vida” A denúncia das famílias entrevistadas confirma esse alerta: às gerações atuais já estão sendo contaminadas não apenas fisicamente, mas também culturalmente por um sistema produtivo que privilegia o lucro em detrimento da vida.

Essas famílias reivindicam políticas públicas que garantam fiscalização rigorosa, responsabilização por danos ambientais e valorização dos sistemas agroecológicos. O que está em



# XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA  
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-FONÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A  
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

jogo não é apenas a produção de alimentos saudáveis, mas a defesa de um futuro justo, sustentável e enraizado na sabedoria da terra.

Na questão dos transgênicos, ficou evidente pelas famílias entrevistadas que a contaminação do milho foi o ponto mais alarmante. Após a introdução de genes modificados, perde-se a pureza das variedades crioulas, muitas delas com mais de cem anos de história, causando erosão genética e comprometendo a soberania alimentar. Nos últimos anos, Almeida (EMBRAPA, 2020,) afirma que a perda da agrobiodiversidade, representada pela substituição das sementes crioulas e por sementes transgênicas e híbridas nos sistemas agroalimentares dos camponeses. A agricultora 4 disse: “sempre a dificuldade é maior em manter as variedades de milho antigas, tem que cuidar mais ainda e muitas vezes têm a contaminação e se não tiver outra família que tenha essa semente, se perde mais uma variedade, tem que ter uma segurança maior para quem cuida do milho”. As famílias expressaram a urgência de políticas públicas tanto municipais quanto estaduais que fiscalizem o uso de transgênicos e valorizem os agricultores que preservam sementes crioulas de milho. A contaminação por transgênicos não é apenas uma questão técnica, mas uma ameaça à cultura, à autonomia e à memória dos territórios.

A pesquisa realizada com cinco famílias agroecológicas revelou um ponto central: “as mulheres agricultoras desempenham um papel essencial na preservação das sementes crioulas”. Em todas as famílias entrevistadas, foi possível identificar que o cuidado com as sementes está diretamente ligado à sensibilidade, à dedicação e ao conhecimento das mulheres, que atuam como verdadeiras guardiãs da agrobiodiversidade.

As mulheres são responsáveis por cultivar, colher, secar e armazenar as sementes com carinho e atenção. Esse cuidado se estende aos quintais produtivos, hortas e lavouras, onde elas observam diariamente o desenvolvimento das plantas, garantindo alimentos saudáveis para suas famílias. Em média, cada família conserva mais de 50 tipos de sementes, sendo que cerca de 90% delas são manejadas pelas mulheres, especialmente as sementes de hortaliças cultivadas nos quintais.

Além do trabalho direto com as sementes, as mulheres também são reconhecidas por sua capacidade de perceber as necessidades alimentares da família, o que reforça seu papel na



segurança alimentar e na preservação da cultura alimentar local. Esse saber é transmitido entre gerações, fortalecendo os vínculos familiares e comunitários em torno da terra e da vida.

As famílias destacam ainda que esse protagonismo feminino é muitas vezes invisibilizado, apesar de sua centralidade na manutenção dos agroecossistemas. Como aponta Siliprandi (2015), “o trabalho das mulheres é central na reprodução da vida e na manutenção dos agroecossistemas, embora historicamente tenha sido desvalorizado e invisibilizado.” Ao reconhecer esse papel, rompe-se com a lógica que valoriza apenas o trabalho vinculado à geração de renda imediata, trazendo para o centro da agroecologia o cuidado, a resistência e a autonomia das mulheres.

Dessa forma, os quintais produtivos mantidos por essas guardiãs representam não apenas espaços de cultivo, mas territórios de luta, memória e esperança. Como afirma Brito (2020), são instrumentos de autonomia e resistência, que fortalecem o papel das mulheres como protagonistas na conservação da agrobiodiversidade e na construção de um futuro mais justo e sustentável.

Ao reconhecer o papel das mulheres como guardiãs de sementes, torna-se fundamental compreender que esse protagonismo se estende para além das práticas agrícolas visíveis. O trabalho realizado no espaço doméstico, muitas vezes invisibilizado pelas estruturas patriarcais, é parte essencial da reprodução da vida e da conservação da agrobiodiversidade. Como afirma Korol, “o trabalho da mulher permaneceu oculto sob a fachada da família monogâmica, permanecendo invisível até os dias atuais” (Korol, 2016).

Além disso, as mulheres agricultoras ganham força ao se organizarem em grupos, participarem ativamente de encontros, feiras de sementes, intercâmbios e coletivos agroecológicos. Esses espaços de articulação fortalecem redes de solidariedade, promovem a troca de saberes e ampliam o reconhecimento social de seus papéis como protagonistas na conservação da biodiversidade.

Finalizo com a fala da agricultora 2: “o ideal seria uma política que valorizasse mais essas mulheres guardiã que geralmente já tem uma quádrupla jornada de trabalho e ainda tem essa grandeza de guardar sementes das mais variedades de sementes”.

Uma das formas de fortalecimento e geração de renda, observadas entre as famílias pesquisadas é a comercialização do excedente de sementes de diversas espécies por meio do



Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), na modalidade de compra direta via Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), com posterior distribuição simultânea. Esse programa tem contribuído significativamente para a geração de renda de muitas famílias agricultoras, além de incentivar outras a adotarem o uso de sementes crioulas em suas propriedades.

O que foi observado foi que a maior parte das sementes comercializadas é produzida pelas mulheres agricultoras, mantenedoras da maior diversidade. Essa prática reforça o papel das mulheres e das famílias camponesas como guardiãs da agrobiodiversidade, conforme discutido por Siliprandi (2015), ao destacar que “as mulheres agricultoras vêm se destacando como protagonistas da agroecologia, articulando saberes tradicionais e práticas sustentáveis que garantem a reprodução da vida.”

Entretanto, a pesquisa identificou três preocupações importantes que merecem atenção sobre o PAA:

A primeira refere-se às famílias que produzem sementes crioulas em áreas urbanas. Por serem classificadas como urbanas, essas famílias enfrentam dificuldades para comercializarem suas sementes ao PAA, pois o programa exige a apresentação de nota fiscal de produtor rural e o Cadastro da Agricultura Familiar (CAF). Como esses documentos não podem ser emitidos por quem reside em área urbana, essas famílias ficam impedidas de participar da comercialização via PAA. Uma das famílias entrevistadas relatou essa limitação e sugeriu que se estude uma possível adequação normativa para contemplar guardiões(as) urbanos que atuam com práticas agroecológicas e conservação de sementes crioulas. A agricultora 4 afirma que: “Produzo mais de 70 tipos de sementes crioulas de diversas espécies e queria poder ser enquadrada nesse programa”.

A segunda preocupação diz respeito à exigência de envio de amostras para teste de germinação. Dependendo da espécie, a quantidade solicitada para análise é elevada, o que pode comprometer o estoque da família produtora, especialmente quando se trata de sementes raras ou de baixa produção. A agricultora 3 diz que: “dependendo da espécie, se eu mandar a quantia que pedem, fico sem semente”.

Por fim, nem todas as espécies de sementes crioulas são aceitas para comercialização no programa, o que limita a diversidade de cultivares disponíveis e desestimula a multiplicação de



alguns tipos de espécies, mas de grande valor cultural e genético para a família. O agricultor 5 afirmou: “ tinha muda de batata, mandioca e batata doce e não foi aceito no projeto da compra”.

Esses aspectos evidenciam a necessidade urgente de revisão e flexibilização dos critérios estabelecidos pelo Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), especialmente na modalidade voltada à aquisição de sementes, a fim de ampliar a inclusão de agricultores(as) e fortalecer a valorização da agrobiodiversidade. A carência de políticas públicas eficazes, aliada à desvalorização econômica das sementes crioulas e à limitação de canais estruturados de comercialização, vem contribuindo para o desestímulo ao cultivo por parte das famílias guardiãs, responsáveis pela preservação desses recursos genéticos. Embora o PAA, instituído pela Lei nº 14.628/2023, represente um avanço significativo no apoio à agricultura familiar e à promoção da segurança alimentar, suas ações ainda se revelam insuficientes para conter o processo de erosão genética e cultural que ameaça a diversidade agrícola tradicional. Mas é admitido que já seja um avanço conquistado.

A ausência de políticas públicas voltadas à formação permanente, valorização e reconhecimento das famílias guardiãs de sementes crioulas é uma preocupação recorrente entre os agricultores(as) entrevistados. Todas as famílias consultadas apontam que não há iniciativas governamentais eficazes que reconheçam e apoiem e reconheçam o papel fundamental dessas famílias na conservação da agrobiodiversidade. Essa lacuna contribui para a predominância das sementes transgênicas, em detrimento das crioulas, que são mantidas por saberes tradicionais e práticas comunitárias. O agricultor 5 disse: “parece que quem está lá, não sabe declarar o que é semente crioula”.

Além da falta de reconhecimento formal, os relatos evidenciam a carência de espaços de formação e intercâmbio entre os guardiões(as) das sementes. A ausência de orientação técnica e de canais de comunicação sobre como declarar e proteger legalmente as sementes crioulas dificulta sua valorização. O agricultor 5 reivindica que: “tem uma demanda por políticas que incentivem a organização coletiva, como mutirões e grupos de troca de experiências, que fortalecem a identidade e a continuidade dessas práticas que herdamos dos pais”.

No levantamento realizado junto às famílias entrevistadas, constatou-se que atualmente nenhuma delas está acessando o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar



(PRONAF). Embora três famílias tenham tentado anteriormente ingressar na modalidade PRONAF Agroecologia, todas esbarraram em entraves burocráticos que inviabilizaram o acesso ao crédito. Essa dificuldade revela não apenas a complexidade dos processos administrativos envolvidos, mas também a distância entre as políticas públicas e a realidade vivida pelos agricultores familiares em transição agroecológica.

Geralmente refere-se à resistência institucional quanto ao uso de sementes crioulas. Apesar de estarem protegidas pela Lei nº 10.711/2003 que reconhece e regulamenta o uso e a conservação dessas sementes no contexto da agricultura familiar, ainda há desafios para que técnicos e agentes financeiros aceitem sua utilização como prática legítima e respaldada juridicamente. Essa barreira compromete o reconhecimento da autonomia produtiva das famílias e dificulta a consolidação de sistemas agroecológicos baseados na biodiversidade local e na soberania alimentar.

A pesquisa evidenciou o zelo que as famílias dedicam ao cuidar de suas sementes crioulas, ressaltando as diversas formas de armazenamento utilizadas. Esse cuidado é apontado como uma das maiores preocupações, refletindo o compromisso com a qualidade e a segurança das sementes que são passadas para outras.

Ficou constatado que cada família adota práticas que vêm sendo aprimoradas por meio da participação em encontros e cursos de formação sobre o tema. Essas práticas se somam aos conhecimentos herdados de pais e avós, fortalecendo a continuidade de técnicas tradicionais e garantindo a conservação das sementes com eficiência e respeito à memória ancestral.

Em síntese, a pesquisa realizada com as famílias agricultoras evidenciou os desafios persistentes na efetivação de políticas públicas voltadas à conservação da agrobiodiversidade e ao fortalecimento da agricultura familiar agroecológica. Observou-se, entre outros aspectos, a ausência de acesso ao Pronaf Agroecologia, em razão de entraves burocráticos, bem como a resistência institucional ao uso de sementes crioulas, apesar da proteção legal conferida pela Lei nº 10.711/2003. Tais elementos revelam a necessidade de revisão e aprimoramento das políticas públicas, de modo a reconhecer e apoiar efetivamente os saberes, práticas e modos de vida que sustentam a agroecologia nos territórios.

O estudo também destacou o papel central das mulheres como protagonistas na preservação dos saberes tradicionais e na gestão dos sistemas produtivos, reafirmando sua condição de guardiãs



# XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA  
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-FONÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A  
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

da biodiversidade agrícola. Foram identificados impactos negativos decorrentes da erosão genética, da perda de variedades locais e da contaminação por agrotóxicos oriundos de propriedades vizinhas, comprometendo a integridade dos sistemas agroecológicos.

Por outro lado, iniciativas como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) demonstraram potencial de apoio efetivo, ao promover geração de renda complementar e valorização das práticas sustentáveis. As feiras de sementes e os intercâmbios entre famílias emergiram como espaços estratégicos de troca de conhecimentos, fortalecimento de redes e construção coletiva de alternativas agroecológicas.

Em síntese, a pesquisa realizada com as famílias agricultoras evidenciou os desafios persistentes na efetivação de políticas públicas voltadas à conservação da agrobiodiversidade e ao fortalecimento da agricultura familiar agroecológica. Observou-se, entre outros aspectos, a ausência de acesso ao Pronaf Agroecologia, em razão de entraves burocráticos, bem como a resistência institucional ao uso de sementes crioulas, apesar da proteção legal conferida pela Lei nº 10.711/2003. Tais elementos revelam a necessidade de revisão e aprimoramento das políticas públicas, de modo a reconhecer e apoiar efetivamente os saberes, práticas e modos de vida que sustentam a agroecologia nos territórios.

O estudo também destacou o papel central das mulheres como protagonistas na preservação dos saberes tradicionais e na gestão dos sistemas produtivos, reafirmando sua condição de guardiãs da biodiversidade agrícola. Foram identificados impactos negativos decorrentes da erosão genética, da perda de variedades locais e da contaminação por agrotóxicos oriundos de propriedades vizinhas, comprometendo a integridade dos sistemas agroecológicos.

Por outro lado, iniciativas como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) demonstraram potencial de apoio efetivo, ao promover geração de renda complementar e valorização das práticas sustentáveis. As feiras de sementes e os intercâmbios entre famílias emergiram como espaços estratégicos de troca de conhecimentos, fortalecimento de redes e construção coletiva de alternativas agroecológicas.

Através da pesquisa realizada, foram elaborados produtos que sistematizam e devolvem, de maneira acessível e significativa, as informações compartilhadas pelas famílias. Esses materiais



valorizam o conhecimento local, fortalecem a memória coletiva e dão visibilidade às práticas agroecológicas desenvolvidas.

Foram concluídos três produtos principais:

- Um boletim informativo de cada família;
- Mapa da propriedade familiar;
- Catálogo com informações básicas sobre cada tipo de semente cultivada e mantida

pela família.

A pesquisa contribuiu para a valorização dos saberes locais, o fortalecimento da conservação das sementes crioulas e a visibilidade das ações protagonizadas pelas famílias agricultoras, especialmente pelas mulheres guardiãs.

No que diz respeito à valorização das sementes crioulas e à educação ambiental, a pesquisa mostrou como essas sementes contribuem para a preservação da agrobiodiversidade e como estão inseridas nos processos educativos informais vivenciados pelas famílias, fortalecendo a consciência ecológica e a autonomia produtiva.

Quanto ao acesso das famílias às políticas públicas, foram identificados os programas, incentivos e iniciativas presentes nos territórios pesquisados, bem como as lacunas e desafios enfrentados pelas famílias guardiãs das sementes no reconhecimento institucional de suas práticas.

Por fim, a pesquisa evidenciou o protagonismo feminino na conservação das sementes crioulas, destacando suas práticas de cuidado, seleção, armazenamento e troca, além de valorizar seus saberes como parte fundamental da transmissão do conhecimento tradicional e da sustentabilidade dos agroecossistemas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o trabalho das famílias agricultoras na conservação das sementes crioulas é essencial não apenas para a manutenção da biodiversidade, mas também para a promoção de uma alimentação saudável, livre de agrotóxicos e enraizada em práticas culturais e ambientais sustentáveis. Valorizar esses saberes e garantir condições dignas para sua continuidade constitui um compromisso ético e político com o futuro dos territórios rurais e com a saúde das gerações presentes e futuras.



# XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA  
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-FONÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A  
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Suenia Cibeli Ramos. **O legado da concentração de terra no Brasil e a perda da agrobiodiversidade.** Embrapa, 2020. Disponível em

<https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/1125984/1/Suenia-o-legado-da-concentracao.pdf>.

BEVILAQUA, Gilberto Antonio Peripolli et al. **Agricultores guardiões de sementes e ampliação da agrobiodiversidade.** 2009.

BENSUSAN, Nurit. **Conservação da biodiversidade em unidades de conservação.** In: CULLEN JR., L.; RUDRAN, R.; VALLADARES-PADUA, C. (org.). Métodos de estudos em Biologia da Conservação e Manejo da Vida Silvestre. Curitiba: UFPR, 2009. p. 433-455.

BETTO, Frei; PICCIN, Elza. **Mulheres, agroecologia e resistência.** São Paulo: Editora 34, 2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante.** 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. Lei nº 10.711, de 5 de agosto de 2003. **Dispõe sobre o Sistema Nacional de Sementes e Mudas e dá outras providências.** Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 6 ago. 2003. Disponível em: Ministério da Agricultura – PDF oficial.

CARSON, Rachel. **Primavera silenciosa.** 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

CINELLI, Gustavo Henrique; CONTE, Alberto Gentil. **Programa de sementes crioulas no Paraná: uma conquista da autonomia camponesa.** Revista Nera, Presidente Prudente, v. 16, n. 23, p. 109-128, jul./dez. 2013.

DENARDIN, João Francisco; MARTINS, Ricardo Pereira. **O protagonismo das mulheres guardiãs na preservação das sementes crioulas no Sul do Brasil.** Revista Brasileira de Agroecologia, v. 19, n. 1, p. 120-135, jan./mar. 2024.

EHLERS, Eduardo. **Agricultura sustentável: origens e perspectivas de um novo paradigma.** 3. ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2009.

FERREIRA, Ana Paula. **Elizabete Teixeira: a luta pela terra e a memória camponesa na Paraíba.** 2020. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

FERREIRA, Valéria. **A memória de Margarida Maria Alves e o movimento feminista rural no Brasil.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 69-82, jan./abr. 2017.

FREIRE, Paulo. **Teoria e prática em educação popular.** 1. ed. São Paulo: Editora Vorazes, 1993.



# XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA  
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-FONÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A  
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

IDENTS/UFSC. **Mulheres do Contestado: A força feminina na Guerra.** Florianópolis: UFSC, 2020. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=https://idents.ufsc.br/mulheres-contestado>. Acesso em: 10 de abr de. 2025.

KOROL, Claudia; et al. **Somos tierra, semilla, rebeldía: feminismos campesinos populares.** São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016. Disponível em: [https://rosalux.org.br/wp-content/uploads/2016/12/Somos-tierra-semilla-rebeldia\\_v-digital-1.pdf](https://rosalux.org.br/wp-content/uploads/2016/12/Somos-tierra-semilla-rebeldia_v-digital-1.pdf).

MOONEY, Pat Roy. **O escândalo das sementes: o domínio na produção de alimentos.** 1. ed. São Paulo: Nobel, 1987.

RESA. **Cartilha Sementes da Agroecologia.** Sementes da Vida, 2020

SILIPRANDI, Emma. **O movimento de mulheres trabalhadoras rurais no Brasil: um percurso de lutas por direitos e reconhecimento.** Revista Katálysis, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 166-175, jul./dez. 2009.

SILIPRANDI, Emma. **O papel das ONGs na formulação de políticas de desenvolvimento com enfoque de gênero no meio rural.** Revista Sociedade e Estado, Brasília, v. 30, n. 1, p. 39-58, jan./abr. 2015.